

Versão Online

ISBN 978-85-8015-054-4

Cadernos PDE

VOLUME I

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2009

O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS POSSIBILIDADES DO USO DE FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS NO TRABALHO COM GÊNEROS TEXTUAIS

Eliziane Zella Ribeiro Coração¹

Orientadora: Rossana Aparecida Finau²

RESUMO: Este artigo consiste em relatar como se deu o processo e os resultados da proposta de formação de professores do projeto de intervenção pedagógica na escola ao propor para o professor que atua no Ensino Fundamental e Médio a utilização de tecnologias midiáticas (e-mail, blog, podcast e webquest) como encaminhamento de ensino para leitura e produção de diferentes gêneros textuais, desenvolvido no Programa de Desenvolvimento Educacional PDE/ Secretaria do Estado da Educação do Paraná nos anos de 2009/2010. Para tanto, foi necessária uma fundamentação teórica em Bakhtin (1997), Marcuschi (2003), Bentes (2008), dentre outros. Esses estudos junto com as demais atividades desenvolvidas durante o programa permitiu a elaboração do material Didático-Pedagógico, a saber, um Caderno Pedagógico composto por quatro unidades temáticas que serviu como material de apoio na implementação da proposta na escola. Os professores que participaram do projeto durante o período de aplicação foram estimulados a criar e usar ferramentas como e-mail, blog, podcast e webquest com finalidade pedagógica.

Palavras-chaves: língua; gêneros textuais; tecnologia; ensino.

¹ Graduada em Letras Português /Inglês pela Universidade Tuiuti do Paraná, com especialização em Metodologia no Ensino de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela UTFPR e especialização em Tecnologias na Educação pela PUC- Rio. Atua como professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação no ensino fundamental e médio.

² Graduada em Letras Português (UFPR), Mestre e Doutora em Estudos Linguísticos pela UFPR, pesquisadora na área de linguagem e surdez. Atua como professora na área de Letras na UTFPR.

1 Introdução

A aprendizagem é um processo que perdura por toda a vida, quer seja na construção de nossa própria identidade, vida profissional ou no desenvolvimento de alguma habilidade. No entanto, para que a aprendizagem se efetive, é preciso disposição a adaptações e mudanças, sempre que necessário, uma vez que estamos inseridos numa sociedade que constantemente passa por variações, sobretudo quanto ao uso de tecnologias.

A escola, por ser um local de interação social, compartilhamento, produção e reflexão de conteúdos que geram conhecimento, deve oportunizar a inserção de tecnologias na prática docente e discente. A utilização de recursos como televisão, vídeo, Internet, deve estar inserida como ferramenta na prática educacional, tanto quanto o uso de mídias impressas.

Desde 2006, os professores do Estado do Paraná estão tendo a oportunidade de utilizar novas ferramentas tecnológicas disponíveis na web, por intermédio do laboratório de informática (Paraná Digital) em sua prática docente, assim como a TV multimídia. O uso dessas ferramentas oportunizou a integração da comunicação audiovisual, assim como a ampliação quanto ao uso de diferentes linguagens. Lembramos que o ato comunicativo não se realiza apenas por meio verbal. Ao longo da sua história, o homem criou e aperfeiçoou vários sistemas comunicativos. Assim, há a linguagem musical, a gestual, a do desenho, das formas e cores, a do cinema, do texto, da televisão e a linguagem verbal.

A linguagem, por ser flexível, é mais suscetível a constantes mudanças comportamentais provenientes das transformações sociais, políticas e culturais. Nos últimos tempos, as inúmeras modificações nas formas e possibilidades de utilização da linguagem têm refletido as mudanças tecnológicas emergentes, cujo uso tornou-se mais presente no cotidiano das pessoas.

A interação e comunicação entre alunos e professor podem melhorar a partir da utilização de ferramentas tecnológicas como *e-mail*, fórum e página pessoal na

internet. Mas a eficácia desses recursos pode ser potencializada a partir da interação efetiva entre professores e alunos, em sala de aula, pois havendo pouca interação no contato presencial, no ambiente virtual pode se repetir.

Cabe dizer que o uso dessas ferramentas servirá como mais uma possibilidade de interação comunicacional, não substituindo a ação docente. Nessa perspectiva, o papel do professor se amplia significativamente: de reprodutor de conteúdos para produtor de conhecimento, mediador da aprendizagem e gerenciador da comunicação que se estabelece presencialmente, em sala de aula e no ambiente virtual. Também a função do aluno, nesse panorama, altera-se substancialmente, deixando de ser um receptor passivo de conhecimentos elaborados por outrem, tornando-se participativo e consciente de sua condição de aprendiz.

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa desenvolvida com aplicação e voltado para o ensino-aprendizagem por meio do uso de tecnologias midiáticas (e-mail, blog, podcast e webquest) como encaminhamento de atividades para leitura e produção de diferentes gêneros textuais. O objetivo primeiro de tal trabalho foi o de sugerir ao professor subsídios para que ele se aproprie e passe a usar as ferramentas tecnológicas disponíveis hoje na sociedade, apresentando ao professor as tecnologias midiáticas como recursos adequados e inovadores inclusive para a mobilidade na organização dos discursos, no que diz respeito tanto no surgimento de novos gêneros, quanto à transformação de outros já culturalmente estabilizados.

Tal proposta de utilização dos recursos tecnológicos como encaminhamento de ensino para leitura e produção de diferentes gêneros textuais nasceu a partir dos estudos para a fundamentação teórica e do compartilhamento e estudos realizados durante o Grupo de Trabalho em Rede (GTR). O estudo teve como uma de suas atividades principais a produção do material Didático Pedagógico foi organizado em um Caderno Pedagógico que serviu de apoio nos encontros com os professores. Tal Caderno Pedagógico foi composto por quatro Unidades Temáticas, a saber:

- Unidade 1 – Possibilidades pedagógicas para o uso do e-mail;
- Unidade 2 – Possibilidades pedagógicas para o uso do blog;
- Unidade 3 – Possibilidades pedagógicas para o uso do podcast;

- Unidade 4 – Possibilidades pedagógicas para o uso da webquest.

A seguir, são apresentadas as leituras que conduziram a análise e a aplicação dessas unidades, bem como a descrição da metodologia de pesquisa e os resultados alcançados.

2. Considerações sobre gêneros textuais

As mudanças mais significativas nas pesquisas da área da linguística ocorridas nos últimos anos estão relacionadas à concepção de linguagem, sociointeracionista, adotada oficialmente a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e das Diretrizes Curriculares da Educação Básica que constituem referência aos professores de língua.

Conceber a linguagem no contexto das relações sociais é estar aberto às inúmeras práticas sociointeracionais, orais ou escritas, desenvolvidas por sujeitos situados historicamente, que se formam na interação com o outro. Nessa perspectiva, garante-se um ensino de língua que privilegie atividades sociais de leitura, escrita e oralidade em situações concretas de uso para o desenvolvimento de habilidades linguísticas.

Para Bakhtin, “(...) a língua penetra na vida através de enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (282). Seguindo esse pensamento, percebe-se que as atividades humanas em todas as esferas realizam-se apenas pela linguagem, e realizam a linguagem, ou seja, sempre se está envolvido em atividades comunicativas relacionadas com a língua/linguagem. Para ele, toda atividade de comunicação se dá na perspectiva do dialogismo, em que os sujeitos ativos se constroem e são construídos, sendo essencial reconhecer a presença do outro, seja em uma conversa ou indiretamente, como o autor do texto que se lê, ou o interlocutor de textos orais e escritos. Logo, é

a concepção de “gêneros do discurso” proposta por Bakhtin que norteará o presente trabalho:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isolado é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos de gênero do discurso. (BAKHTIN, 1992:279)

Os estudos de gênero fundamentados na teoria de Bakhtin levam em conta as duas classes de gêneros que ele distingue: primários (simples), como as conversas cotidianas e a carta pessoal e os gêneros secundários (complexos), como romance, teatro, discurso científico e ideológico, entre outros. Enquanto os primeiros são encontrados em situações mais simples de comunicação cotidiana, os segundos são ligados a esferas mais complexas, de interação social, em muitos casos mediados pela escrita, podendo, inclusive, transmutar os gêneros primários. A concepção de gênero, segundo Bakhtin, não é estática, pelo contrário, por ser resultado das relações sociais, os gêneros são passíveis de mudanças decorrentes das transformações sociais, novos procedimentos de organização verbal, como também das intenções do locutor e das modificações no papel do interlocutor. Outros aspectos que também caracterizam os gêneros textuais são: o conteúdo ou seleção de temas, a escolha de recursos linguísticos, definindo o estilo e a construção composicional ou formas de organização textual. Para Marcuschi,(2003) os gêneros textuais “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais”. Desse modo, um trabalho que tem como objeto de estudo o texto é relevante a clara distinção entre tipo textual e gênero textual. Para Marcuschi,(2003, 24-25) o tipo textual, entende-se aqui como a narração, a argumentação, a exposição, a descrição e a injunção, prevalece a direção de sequências linguísticas típicas. A noção de gênero textual há a preponderância de certos critérios de ordem prática,

curso sócio-histórico, função, conteúdo temático, estilo e composição, uma vez que os textos circulam em grandes esferas de atividades humanas.

Um melhor esclarecimento sobre a definição de tipologia e gênero textual é encontrada em Marcuschi (2003) ao explicar:

Em geral, a expressão “tipo de texto”, muito usada nos livros didáticos o nosso dia-a-dia, é equivocadamente empregada e não designa um tipo, mas sim um gênero de texto. “Quando alguém diz, por exemplo, “..a carta pessoal é um tipo de texto informal”, ele não está empregando a termo “tipo de texto” de maneira correta e deveria evitar essa forma de falar. Uma carta pessoal que você escreve para sua mãe é um gênero textual, assim como um editorial, horóscopo, receita médica, poema, piada, conversa casual, entrevista jornalística, artigo científico, resumo de um artigo, prefácio de um livro. É evidente que em todos os gêneros também esta realize dois ou mais tipos, (narração, argumentação, exposição, descrição e injunção). Assim, um texto é em geral tipologicamente variado (heterogêneo). Veja-se o caso de uma carta pessoal, pode conter uma sequência narrativa (conta uma historinha), uma argumentação (argumenta em função de algo), uma descrição(descreve uma situação) e assim por diante .(MARCUSCHI, 2003: 26)

Dessa forma, num gênero textual pode ocorrer dois ou mais tipos textuais, ou seja, um mesmo gênero pode abranger uma argumentação, uma narração, uma descrição, construídos em situações comunicativas.

A produção e atualização de um gênero textual decorrem do surgimento de novas situações de interação verbal nas mais diversas situações comunicativas e, à medida que uma forma de interação social estabiliza-se, o gênero se caracteriza como modelo de referência para os usuários da língua, fazendo uso desse gênero ao encontrar situação similar, adaptando-o ao contexto.

Desde a década de 1990, quando os estudos de gêneros se intensificaram, os professores de língua portuguesa têm tido acesso à produção acadêmica que aborda a questão de gêneros textuais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCNs, foram a porta principal de acesso aos estudos de gêneros para muitos professores de língua, seguido das Diretrizes Curriculares da Educação

Básica do Estado do Paraná. Tanto nas Diretrizes, quanto nos PCNs encontram-se apontamentos teóricos que visam esclarecer os conceitos e, também, apontar a diversidade de possibilidade de observação dos gêneros textuais, sugerindo o trabalho com os gêneros orais e escritos.

2.1 A relação entre a organização de gêneros discursivos e os suportes midiáticos

Nas últimas décadas, as novas tecnologias, especialmente àquelas ligadas a área de comunicação, foram responsáveis pelo surgimento de novos gêneros textuais. Com a Internet despontaram novos estilos de linguagem provenientes das relações na comunicação, uma vez que os gêneros surgem das interações sociais. É inegável que essas novas formas de interação têm um importante papel no cotidiano das pessoas, principalmente, das crianças e jovens em idade escolar. Esses novos gêneros, muitas vezes, estão ancorados em outros já existentes, como o e-mail, que pode ser caracterizado como desdobramento da carta pessoal ou comercial, ou seja, a “transmutação dos gêneros”, como afirmava Bakhtin: “Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea”. (Bakhtin, 1992: 281)

A escolha de um gênero textual sobre o qual se realiza o discurso é determinada por critérios como: objetivos e efeitos pretendidos pelo locutor, assim como as convenções que regulam a comunicação. Um novo meio tecnológico na medida em que interfere nas relações históricas e sociais, interfere também na natureza do gênero produzido. Marcuschi considera como aspecto central dos gêneros emergentes:

Aspecto central no caso desses e outros gêneros emergentes é a nova relação que se instauram como os usos da linguagem como tal. Em certo sentido, possibilitam a redefinição de alguns aspectos centrais na observação da linguagem em uso, como por exemplo, a relação entre a oralidade e a escrita, desfazendo ainda mais as suas fronteiras. Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo *hibridismo* que desafia as relações entre oralidade e escrita (...) (MARCUSCHI, 2005:.21)

A inclusão da Internet no cotidiano das pessoas contribui para o surgimento de um novo estilo de linguagem, proveniente da interação que ela propicia, seja em bate-papos, troca de *e-mails*, entre outros. O jovem usuário da rede, geralmente em idade escolar, ao interagir com colegas, reais ou virtuais³, usa linguagem adaptada às necessidades e características do novo meio de comunicação.

O impacto das novas tecnologias no mundo moderno está se ampliando e consolidando a cada dia, logo é imprescindível o estudo dos gêneros textuais digitais. Nesse contexto é importante primeiramente esclarecer a relação que existe entre texto e hipertexto. A conceituação de texto pode variar dependendo da perspectiva teórica que se adotar. Bentes afirma que, para entender o fenômeno textual em diferentes teorias, é necessário que a relação entre teoria e objeto seja a mais clara possível. Isso porque o entendimento das diferentes concepções de texto acontece em função da postulação e o reconhecimento dos elementos constitutivos do fenômeno textual que estão previstos nessa relação. (BENTES, 2008)

Assim, para a fundamentação deste trabalho, adotou-se a concepção de texto que resulta da interação das atividades humanas por intermédio da linguagem verbal (oral ou escrita), não sendo um amontoado de palavras desconexas, mas constituindo-se pela relação de sentido entre essas palavras, podendo ser pretexto para a produção de outros textos.

Os textos geralmente são escritos linearmente e os recursos de citação ocorrem com a inserção de trechos de outros textos, por intermédio da paráfrase ou notas de pé da página e referências bibliográficas. Mas, um texto acadêmico pode

³ Virtual não se opõe e não exclui o real, mas refere-se ao processo de comunicação mediado pelo computador.

funcionar como hipertexto, uma vez que contém notas de rodapé ou referências no desenvolvimento do texto que funcionam como links para a consulta em outras obras. O leitor pode optar em ler o texto de forma contínua, consultando as notas após a leitura ou interromper a leitura a cada localização e buscar a obra referenciada.

O hipertexto (eletrônico) refere-se a uma forma de escrever não-linear de informações em formato digital dividido em módulos de informações interligadas através de *links* oferecendo ao leitor diferentes trajetos para a leitura e interatividade. A leitura pode ser direcionada para outro ponto do mesmo texto, para outros textos e, também, para arquivos de imagens e sons. Para Lúcia Santaella,

(...) o texto passou por transformações, por uma verdadeira mudança de natureza na forma do hipertexto, isto é, de vínculos não-lineares entre fragmentos textuais associativos, interligados por conexões conceituais (campos), indicativas (chaves) ou por metáforas visuais (ícones) que remetem, ao clicar de um botão, de um percurso de leitura a outro, em qualquer ponto da informação ou para diversas mensagens, em cascatas simultâneas de interconectadas. (SANTAELLA, 2008, p. 47)

O hipertexto agrega não somente o texto escrito, mas também imagens, sons e animações variadas alterando, desse modo, a noção de textualidade. Santaella (2008) diz que o “hipertexto não é feito para ser lido do começo ao fim, mas sim através de buscas, descobertas e escolhas”. O leitor pode definir seu percurso de leitura, estabelecendo por suas escolhas uma nova sequência narrativa. A diferença do texto tradicional para o hipertexto está no suporte e na velocidade de acesso.

2.2 A questão do suporte dos gêneros textuais

Existe ainda muita discussão e estudo no que diz respeito ao suporte dos gêneros. Para Mainguenu (2001) *apud* Marcuschi “é necessário reservar um lugar importante ao modo de manifestação material dos discursos, ao seu suporte, bem como ao seu modo de difusão: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela do computador etc”. Entende-se suporte como os espaços físicos e materiais em que ocorrem os gêneros textuais como o livro didático, o *outdoor*, o jornal, o computador, entre outros, tornando o texto acessível para finalidades comunicativas e imprescindíveis para que o gênero circule socialmente. Marcuschi (2008) afirma que “o suporte de um gênero serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”, sendo que todo gênero se realiza em um suporte específico.

Determinados gêneros textuais necessitam ser realizados em suportes fixos para que se efetivem e tenha credibilidade como o caso das notícias jornalísticas que precisam ser divulgadas no suporte jornal. Da mesma forma como um suporte também contribui para a seleção de certos gêneros textuais e seu modo de apresentação.

Para o especialista em história da leitura, Roger Chartier a maneira como um texto é apresentado interfere no sentido, ao dizer que “Por meio dela, (forma de apresentação de um texto) podemos compreender como e por que foi editado, a maneira como foi manuseado, lido e interpretado por aqueles de seu tempo. O suporte, portanto, não é passivo e influencia o sentido do texto construído pelo leitor”. Lemos de forma diferente um texto que está no suporte papel e um texto que está no suporte digital, cabe ao professor perceber a influência que o suporte exerce nas interações contemporâneas.

Marcuschi (2003) afirma que deve também haver distinção entre suporte e serviço. Este último é entendido como “aparato específico que permite a realização

ou veiculação de um gênero em algum suporte”, como o caso do *e-mail* e a *Internet*. Para Marcuschi, também integram esta lista a *homepage*, *mala direta* e o *site*, porém, deve-se ressaltar que o e-mail também pode ser um gênero textual quando equiparado às cartas pessoais, como se verá mais adiante.

A partir dessas considerações, observa-se que não é uma tarefa tão simples a identificação de um gênero, suporte ou serviço e tudo vai depender “da perspectiva da observação e do modo como encaramos os fenômenos”. (MARCUSCHI, 2003)

Como mencionado anteriormente, Marcuschi considera que os gêneros textuais emergentes resultam do uso de novas tecnologias, principalmente àquelas ligadas a área de comunicação, assim como as novas relações de comunicação. No entanto, tais gêneros nesta proposta de estudo serão considerados ferramentas midiáticas que inovam e dinamizam o trabalho com os demais gêneros textuais. Pensando em como as ferramentas tecnológicas podem auxiliar o trabalho do professor em atividades de leitura e escrita com gêneros textuais, é que se desenvolveu esta pesquisa, valendo-se de algumas ferramentas disponíveis gratuitamente na web. Vale lembrar que em nenhum momento este trabalho teve como pressuposto a ideia de que o uso de tecnologia na sala de aula por si só, garante a aprendizagem, é necessário observar se a ferramenta é apropriada para certo conteúdo (gênero textual), pois as tecnologias devem servir para despertar o interesse pelo assunto abordado e não pelo uso da ferramenta em si. A intervenção do professor precisa acontecer para verificar se as tecnologias contribuem com os alunos na construção do conhecimento.

2.3 Ferramentas educacionais

2.3.1 – E-mail

O *e-mail* ou mensagem eletrônica é uma forma de comunicação escrita, normalmente assíncrona, que surgiu no início dos anos 70, popularizando-se a partir dos anos 80 e assemelhando-se ao que se tem hoje na metade da década de 90.

De acordo com Paiva (2004), “as mensagens eletrônicas são hoje, possivelmente, o gênero de texto mais produzido nas sociedades letradas”. Adota-se aqui a posição de Paiva ao questionar: “O e-mail é um gênero ou canal? Pelo correio eletrônico circulam vários gêneros (ofício, abaixo-assinado, receitas culinárias, propaganda), mas defendo que existe um gênero específico associado a esse novo artefato”. Ela ainda afirma que o e-mail como gênero eletrônico escrito contém características de memorando, bilhete, carta, conversa face a face e também telefônica, adquirindo ora forma de monólogo, ora de diálogo, distinguindo-se dos demais tipos de mensagens devido a características próprias de seu meio de transmissão como a velocidade e assincronia no ato comunicativo entre usuários de computadores.(PAIVA, 2004)

Ao tomar o *e-mail* como correlato das cartas pessoais, considera-se como gênero textual, por apresentar características de gêneros já conhecidos como abertura e fechamento semelhantes à carta e a rapidez e eficiência dos gêneros orais. No entanto, o e-mail como função de correio eletrônico é um serviço ou o suporte que transporta inúmeros gêneros textuais, ao constatar que às mensagens pode-se anexar arquivos em diversos formatos como: textos, fotos, apresentação de slides, tabelas, gráficos, som e música. Paiva (2005) ao se referir ao *e-mail* como gênero textual, afirma que:

O correio eletrônico é um novo canal de mediação de gêneros já conhecidos e deu origem a um novo gênero que agrega características do

memorando, do bilhete, da carta, da conversa face a face e da interação telefônica. Dos textos escritos herda a assincronia. Do memorando toma de empréstimo semelhanças de forma que é automaticamente gerada pelo software; do bilhete a informalidade e predominância de um ou poucos tópicos; da carta as fórmulas de aberturas e fechamentos. Dos gêneros orais herda a rapidez, a objetividade e a possibilidade de se estabelecer um “diálogo”. Da conversa face a face, temos um formato que guarda alguma semelhança com a tomada de turno e a interação telefônica, além de limitações contextuais também semelhantes, mas com a possibilidade de colocar em contato pessoas que se encontram geograficamente distantes. (PAIVA, 2005:85)

Para este estudo, o e-mail será visto como suporte que encaminha variados gêneros textuais, ressaltando seu uso como ferramenta midiática no trabalho com os demais gêneros. Acredita-se que o uso de recursos da web na educação auxilia no processo de ensino-aprendizagem, quebrando a barreira espaço-tempo e possibilitando a troca de conhecimentos entre pessoas que estão distantes geograficamente. O e-mail, por exemplo, possui como vantagem o baixo custo quando comparado a outras formas de comunicação como telefonema ou correio convencional, arquivamento de mensagens e sempre que necessário, pode-se enviar ou re-enviar a mesma mensagem ou arquivo para várias pessoas.

O *e-mail* possibilita a troca de material didático entre professores e alunos, sem a necessidade xerocar ou imprimir o material utilizado, sendo uma possibilidade para despertar o interesse pela escrita em situação concreta de comunicação, promovendo a interação e o envolvimento de alunos e professores. Contudo, como não existe perfeição, apresenta desvantagens como todo meio de comunicação, como o fato de ser necessário o uso de um provedor de acesso, a possibilidade de se enviar um e-mail para endereço errado, receber mensagens indesejáveis ou *spams* e ter o computador invadido por vírus ao abrir certos arquivos.

2.3.2 – Blog

O *blog* surgiu no final da década de 90 e é a abreviação de *weblog*, junção de *Web* (rede de computadores) e *log* (uma espécie de diário de bordo dos navegadores que anotavam as posições do dia). O *blog* é uma página da Internet que pode ser vista por qualquer pessoa e onde se pode disponibilizar idéias, opiniões, informações e pequenas produções como: imagens, sons, textos e vídeos. O *blog*, portanto, é como um diário eletrônico na Internet que pode ser compartilhado com outras pessoas.

Segundo Komesu (2005), os blogs surgiram no final da década de 90 com o uso do *software* Blogger, da empresa norte-americana de Evan Williams. Surgiu como uma alternativa popular para a publicação de textos online, uma vez que o uso da ferramenta dispensa conhecimento especializado em computação. Hospedagem grátis, facilidade de edição, manutenção de textos e atualização são alguns dos atributos que garantem o sucesso e a disseminação dessa ferramenta. Outras características importantes dos blogs:

- interatividade – idéias são divulgadas para que sejam lidas, discutidas com as pessoas que visitam o blog. Os comentários dos visitantes é que garantem a interatividade;
- semelhança com os diários manuscritos pela indicação de tempo feita no cabeçalho. Os artigos são organizados cronologicamente, da postagem mais recente para a mais antiga;
- facilidade de edição pelo uso de *templates* (modelos prontos para serem usados);
- utilização de links, remetendo a outros sites, nos quais se encontram as matérias originais mencionadas no blog.

Existem weblogs de fotos (*fotologs*) e vídeos (*vlogs*). Um dos mais conhecidos fotologs é o Flickr e videoblogs é o YouTube.

O blog ao ser usado como recurso pedagógico por alunos e professores, torna-se uma eficiente ferramenta, promovendo um ambiente de reflexão e discussão. As postagens podem ser comentadas com a possibilidade ampliar a aula com as impressões e opiniões sobre temas discutidos em sala. Tanto alunos como professores têm a oportunidade de refletir sobre suas próprias opiniões. Serve também para o registro de atividades, eventos da escola, assim como para propor desafios cooperativos para os alunos, estreitando, dessa forma, a relação e comunicação entre docente e discente ao se utilizar de um recurso que para os alunos já é explorado. O blog também é um excelente meio de exercitar a leitura e a produção escrita, ao postar, comentar ou dar indicação de links para outros sites, além de poder explorar as linguagens visuais como imagens e vídeos, privilegiando atividades sociais de leitura e escrita em uma situação concreta de uso.

2.3.3 – Webquest

Webquest é uma atividade orientada de incentivo à pesquisa. Foi criada em 1995 pelo professor Bernie Dodge, da Universidade de San Diego, Califórnia, como uma forma de usar a Internet de modo criativo e que estimula a autonomia.

Esta atividade possibilita a interação entre alunos e professores no uso da Internet, servindo como estímulo para a pesquisa de temas e promovendo a aprendizagem colaborativa. Fazer pesquisas na Internet pode ser um excelente meio de buscar informações e construir conhecimento, contudo requer um ambiente interativo, facilitador e motivador de aprendizagem. A Webquest tem como um de seus principais atributos o trabalho colaborativo. Parte-se sempre de um tema proposto pelo professor e que deve ser pesquisado, geralmente, por grupos de alunos que precisam colaborar entre si para resolver o problema, estimulando a criatividade e autonomia. Existem dois tipos de webquest, de acordo com Bernie Dodge:

- Webquest curta – é planejada para ser executada entre uma e três aulas e tem como finalidade a aquisição e integração do conhecimento.

- Webquest longa – com duração de uma semana até um mês e tem como objetivo o refinamento de conhecimentos.

2.3.4 – Podcast

Surgido em 2004, o termo podcast é a junção da palavra iPod e broadcast (transmissão via rádio) que são arquivos de áudio cujo processo de gravação e publicação se dá via Internet, como músicas, programas esportivos ou jornalísticos de assuntos variados semelhantes aos blogs. O *podcasting* diz respeito a publicação de áudio na Internet, que por intermédio de um distribuidor conhecido como “Feeds/RSS”, pequenos arquivos que contém informações para que os programas agregadores façam a atualização de divulgação dos arquivos (Feed – usuários se inscrevem num link de sites ou canais de notícias que atualizam seu conteúdo regularmente /RSS – “é uma tecnologia que permite a sites que têm atualização frequente informar seus leitores sobre a publicação de um novo conteúdo”)(Revista Nova Escola, jun., jul 2009). Os arquivos, geralmente, estão no formato mp3 e ficam disponíveis para serem baixados no computador ou dispositivos como iPods, e telefones celulares, permitindo que o usuário ouça a publicação em qualquer lugar e a qualquer momento.

O uso pedagógico do podcast enriquece e complementa a aula presencial, criando um ambiente diferenciado e eficiente segundo os objetivos da atividade didática. Acima de tudo, uma possibilidade de reforçar a autonomia do aluno, proporcionando momentos de reflexão e aprendizagem.

3. Metodologia de pesquisa e aplicação

O uso da tecnologia na educação não é novidade, no entanto a inovação acontece quando educadores buscam inserir em sua prática pedagógica o uso consciente dos recursos midiáticos juntamente com a disposição de repensar sua prática pedagógica.

Para desenvolver o trabalho com esse objetivo, a metodologia utilizada foi projeto de ação - devido às características do processo da pesquisa para a elaboração do material Didático-Pedagógico e da intervenção realizada na escola. Vale ressaltar que, além do material Didático-Pedagógico exigido pelo Programa de Desenvolvimento Educacional, houve também a elaboração do ambiente virtual de aprendizagem blog, a fim de hospedar uma Webquest, com a intenção de auxiliar o professor no uso do recurso podcast para finalidade pedagógica. A Webquest elaborada para esse fim encontra-se no seguinte endereço: <http://webquestparaaprenderpodcast.wordpress.com>. Abaixo é apresentada a sua página inicial.



Figura 1 - <http://webquestparaaprenderpodcast.wordpress.com/>

As leituras para a fundamentação teórica ocorreram durante o período de julho de 2009 a julho de 2010 com o intuito de planejar, revisar e orientar os estudos.

Para isso, como primeiro procedimento, todo o material de leitura empregado na pesquisa, bem como uma primeira versão do material didático-pedagógico para o trabalho com as ferramentas midiáticas descritas no item 2.3, foram disponibilizadas para avaliação de uso por professores da rede Estadual de Educação, no grupo de Trabalho em Rede do PDE, em formato de curso ofertado a esses professores, na modalidade a distância, usando o ambiente virtual plataforma Moodle, e que teve a participação de cinco professoras.

O curso foi composto por seis unidades temáticas, com textos para leitura e reflexão, a apresentação do plano de ação, compartilhamento do material Didático-Pedagógico para análise e sugestões. As interações e contribuições foram realizadas via fóruns de discussões, diários, e-mails e as atividades realizadas no período de curso. Embora somente duas professoras tenham concluído o curso, as contribuições delas serviram para aprimorar o material Didático-Pedagógico e planejar os encontros de implementação na escola.

A partir dos resultados dessa primeira ação, em um segundo momento, realizamos a implementação da proposta que foi a intervenção direta na escola a fim de ensinar os professores a se valerem dos recursos midiáticos aqui descritos como mais uma ferramenta para complementar a sua prática pedagógica. Para tanto, houve um contato inicial com a Direção, Equipe Pedagógica e professores da escola com a definição das datas dos encontros com os professores.

A intervenção na escola aconteceu entre agosto e dezembro de 2010. Durante o percurso de implementação da proposta surgiram algumas dificuldades, que culminaram na adaptação do material Didático-Pedagógico, que já havia sido avaliado por professores da disciplina de Língua Portuguesa no GTR, como exposto anteriormente.

De início, o público-alvo da proposta eram professores de Língua Portuguesa que atuam no Ensino Fundamental e Médio. No entanto, devido ao desinteresse dos professores dessa disciplina em participar da implementação, o projeto necessitou ser estendido a outros professores das disciplinas de Artes, Biologia e Matemática.

Em função dessa adaptação, houve também a necessidade de acréscimo do número de encontros com esses professores. Ao todo foram nove encontros, com início em 23 de agosto de 2010 e término em 24 de novembro de 2010. Tais encontros denominados OFICINAS, foram realizados na escola no período noturno, às vezes em encontros semanais, às vezes em encontros quinzenais, de acordo com a disponibilidade de horários dos participantes.

A seguir, apresentamos a descrição dos processos realizados na intervenção, bem como os resultados.

4. A intervenção: interação entre professores, recursos midiáticos e discursos

As oficinas foram realizadas no laboratório Paraná Digital composto por computadores com a plataforma Linux. Desde a primeira oficina tivemos que fazer algumas adaptações, pois o grupo era formado por professoras das disciplinas de Artes, Matemática e Biologia. Desse modo, as leituras e estudos para a fundamentação teórica sobre gêneros textuais, foram deixados de lado, nesta etapa da intervenção pedagógica.

Na primeira oficina realizada com as professoras foram apresentadas algumas ferramentas da web 2.0 com finalidade educacional. O material usado nessa oficina está disponível na internet⁴. Inicialmente, houve a explicação às professoras do termo *Web 2.0*, seguido de exemplos de ferramentas disponíveis na internet e que podem ser inseridas na prática pedagógica e alguns encaminhamentos. Elas conheceram ferramentas como blogs educacionais⁵, serviço

⁴ Endereço - <http://zellacoracao1.wordpress.com/2010/08/23/oficina-1-ferramentas-da-web-2-0/>.

⁵ Endereço – <http://zellacoracao1.wordpress.com>

de bookmarks online⁶, site que permite criar linha do tempo⁷, sites de compartilhamento de documentos⁸, entre outros. À medida que cada nova ferramenta era apresentada, elas perguntavam quais os tipos de atividades poderiam ser desenvolvidas em sala de aula, e a maioria mostrou interesse em inseri-las em sua prática pedagógica.

Nas duas oficinas seguintes⁹, foram apresentadas algumas das possibilidades pedagógicas para o uso do e-mail. Nessa etapa, foi preciso criar contas de e-mail pessoal para cada professora, com o auxílio de tutoriais e do material didático-pedagógico. Depois de cada professora ter criado uma conta de e-mail no provedor G-mail, fizeram algumas atividades de elaboração tais como enviar mensagem com documento em anexo e configurar a conta pessoal de correio eletrônico. Como a maioria já utilizava o e-mail no dia-a-dia, não houve tanta dificuldade no manuseio da ferramenta, no entanto, a dúvida residia em como utilizar o correio eletrônico com os alunos. Algumas sugestões de atividades foram apresentadas por intermédio de vídeo e das discussões que surgiram na oficina.

Como as professoras participantes mostraram interesse em criar páginas pessoais na internet com a finalidade de armazenar material pedagógico, a ser usado e compartilhado posteriormente com alunos, se fez necessário acrescentar mais um recurso midiático, o site do provedor Google. Dessa forma, na quarta e quinta oficinas foram criados sites e blogs educacionais de acordo com as disciplinas das professoras. Cada uma criou um site da conta do Google e um blog do Blogger. A pouca familiaridade com edição de sites e blogs, fez com que elas encontrassem um pouco de dificuldade no início, mas com ajuda e apresentação de exemplos de sites e blogs educacionais, puderam criar suas páginas pessoais, e também o blog.

Para exemplificação das produções realizadas nessas oficinas, segue abaixo imagem do site da professora Miriam Pickert da disciplina de Matemática. Endereço: <https://sites.google.com/site/miriammatica/home>

⁶ Endereço - <http://www.delicious.com/zellacoracao>

⁷ Endereço - <http://www.dipity.com/zellacoracao/Mario-Quintana/>

⁸ Endereço - <http://pt.scribd.com/zellacoracao;>

⁹ Endereço - <http://zellacoracao1.wordpress.com/2010/09/20/oficina-3-e-mail-possibilidades-pedagogicas-parte-ii/>



Figura 2 - <https://sites.google.com/site/miriammatica/>

Na sexta oficina iniciamos o trabalho com a Webquest sobre o Podcast. Além do material Didático-Pedagógico que foi disponibilizado para as professoras, elas também tiveram acesso ao material de apoio – o blog¹⁰ “Webquest para aprender podcast”. Nesta etapa, primeiro aconteceu a explicação sobre a atividade webquest com visualizações e pesquisas de webquests na internet. Após pesquisar e conhecer algumas webquests, iniciamos o trabalho com a webquest que ensina professores trabalhar com a ferramenta podcast. Por causa de problemas técnicos como internet lenta e a falta do software Audacity instalados nos computadores do laboratório Paraná Digital com plataforma Linux, foi preciso trabalhar com os computadores pessoais. Cada professora levou para a oficina seu computador pessoal, e em cada um deles, foi instalado o software Audacity. Fizemos algumas tentativas para produzir podcasts, e novamente, por causa de problemas técnicos fomos impossibilitados. A atividade que resultou dessa oficina foi um roteiro de podcast.

Nas três últimas oficinas, as professoras aprenderam a criar e publicar webquests na internet. Segundo as professoras, foi “a ferramenta mais interessante apresentada nas oficinas”. Inicialmente, foram realizadas várias pesquisas sobre o uso da webquest como recurso pedagógico, depois, pesquisas de webquests de

¹⁰ Endereço - <http://webquestparaaprenderpodcast.wordpress.com/>.

acordo com a disciplina de cada professora, para depois criar um roteiro, e confeccionar uma webquest para aplicar com os alunos e posteriormente publicar na web. Também criaram contas no Portal Webquest Brasil¹¹, e produziram em grupo uma única atividade de incentivo à pesquisa: uma webquest sobre sites educacionais que podem ser usados em pesquisa na internet.

5 Resultados

Como resultados mais importantes a serem apontados neste artigo merecem destaque as leituras e estudos que serviram de embasamento teórico para a produção do material didático-pedagógico, no que diz respeito ao estudo de gêneros textuais, em especial, os gêneros digitais, provenientes do impacto das novas tecnologias no mundo moderno. Quanto à produção do material didático-pedagógico, vale destacar que foi produzido com a intenção de servir como tutorial e modelo de encaminhamento metodológico para as professoras que participaram da intervenção na escola.

Ressalta-se que a utilização dos recursos midiáticos na educação é uma realidade e os educadores precisam incorporar o uso dessas ferramentas aos encaminhamentos pedagógicos. Profissionais da educação que lidam com essa nova geração precisam estar dispostos a mudar, sempre que necessário, mudar a metodologia e a dinâmica usada em sala de aula, incorporando em sua prática pedagógica as tecnologias de informação e comunicação.

A proposta inicial tinha como foco o professor de Língua Portuguesa, porém professores de outras disciplinas participaram da intervenção na escola. Esses professores participaram de todas as oficinas apresentadas e produziram os materiais sugeridos. Observou-se ainda que, uns professores já faziam uso de algumas ferramentas da web, porém não com intuito educacional.

¹¹ Endereço - <http://www.webquestbrasil.org/criador/>

Com base nos resultados obtidos durante todo o programa, pode-se afirmar que os professores envolvidos no processo entenderam a importância dos recursos midiáticos e perceberam que são alternativas na metodologia a ser usada no processo de ensino-aprendizagem, além da vantagem de motivar a participação dos alunos na construção do conhecimento, pela possibilidade de interação e colaboração que certas ferramentas como o blog permitem.

Faz-se necessário apontar que para professores da disciplina de Língua Portuguesa, foco inicial do projeto, o uso das ferramentas midiáticas como encaminhamento no processo de ensino-aprendizagem não despertou interesse algum, porém como professora de Língua Portuguesa afirmo que é preciso estar em constante atualização quanto à metodologia usada em sala de aula, principalmente, no que diz respeito ao uso de tecnologias. Isso porque lidamos com uma geração de alunos que já faz uso dessas ferramentas em seu cotidiano, mas não com objetivos educacionais.

As sugestões apresentadas aos professores não encerram as opções de atividades e propostas a serem desenvolvidas, contudo têm a intenção de motivar o professor a refletir sobre o uso dessas ferramentas em sala de aula com alunos, uma vez que essas ferramentas não estão associadas, originalmente, ao uso educacional.

Referências

BAKHTIN, M. (V. N. VOLOCHÍNOV). Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. (V. N. VOLOCHÍNOV). Estética da Criação Verbal [tradução de Maria Ermanita Galvão G. Pereira]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.

BENTES, Anna Christina & REZENDE, Renato Cabral. Texto: conceitos, questões e fronteiras [Con]textuais. In: SIGNORINI, Inês. (org.) [Re]discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BIASI-RODRIGUES, Bernadete. A diversidade de gêneros textuais no ensino: um novo modismo? <
http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2002_01/11_texto_rodrigues.pdf>.
 Acesso em: 24 de setembro de 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. 1998. Parâmetros Curriculares Nacionais

BURGARDT, Lilian. Professor “blogueiro” – razões para criar um blog e usá-lo como aliado em sala de aula. <
<http://www.universia.com.br/docente/materia.jsp?materia=14193>> Acesso em 09 de fevereiro de 2010.

CARVALHO, Ana Amélia A.(Org.). Manual de ferramentas da Web 2.0 para Professores. <
<http://www.educacaoadistancia.blog.br//arquivos/manualdeferramentas20.pdf>>
 Acesso em 09 de fevereiro de 2010.

CORRÊA, Ediléa Félix. Gêneros textuais no contexto digital & educacional. Disponível em <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/44.pdf>>.
 Acesso em : 13 abr. 2009.

GALERA, Joscely Maria Bassetto; BORSOI, Beatriz Terezinha. Ciência, Tecnologia e Cidadania “Um desafio no cotidiano do professor”. *Tecnologia e Humanismo*,

Curitiba, 2005. Disponível em: <<http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/joscelybeatriz7.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2009.

GUSSO, Angela Mari. A incorporação da teoria de gênero textual de abordagem sócio-discursiva pelos professores de língua materna. In: 4º SIGET, 2007, Tubarão Anais do 4º SIGET Tubarão: Editora da UNISUL, 2007 v. único p. 610-617.

KOMESU, F. C. Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet. In: MARCUSCHI, L. A. e XAVIER, A. C. (Orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A coerência no hipertexto. Disponível em: <<http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/Marcuschicoerhtx.doc>>. Acesso em 13 de abril de 2009.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: área DIONÍSIO, Angela Paiva, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). Gêneros textuais & Ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-67.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 173-186.

MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividade de retextualização. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. Em *Revista Informática na Educação: Teoria e Prática*, Porto Alegre, RS, ano 1, n.º. 1, p. 137 – 144, setembro 2000.

PAIVA, V.L.M.O. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L.A. & XAVIER A.C. (Orgs.) *Hipertextos e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.p.68-90

SANTAELLA, Lúcia. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, Inês. (org.) [Re]discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.p.47-72

SIGNORINI, Inês. (org.) [Re]discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Sites pesquisados:

Discovery Brasil: <http://www.discoverybrasil.com/internet/o-texto-se-transforma-em-hipertexto.shtml>. Acesso em 17 de janeiro de 2010.

Olhar Digital:

http://olhardigital.uol.com.br/central_de_videos/video_wide.php?id_conteudo=6764

Acesso em 21 de janeiro de 2010.

Revista Nova escola online: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/blog-diario-423586.shtml>. Acesso em 05 de fevereiro de 2010.

Revista Nova Escola online: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/especialista-historia-leitura-427323.shtml>. Acesso em 17 de janeiro de 2010.

Olhar Digital: http://olhardigital.uol.com.br/links/video_wide.php?id_conteudo=7110.

Acesso em 18 de janeiro de 2010.